



Esta é a área da televisão amadora, onde a ARVM emite as suas gravações

Na era das novas tecnologias, o radioamadorismo desperta grande curiosidade junto dos que pouco conhecem deste passatempo que, segundo o presidente da Associação de Radioamadores da Vila de Moscavide, é a única forma de ligar esta zona da cidade ao resto do mundo numa situação de calamidade.

A segunda maior associação de radioamadores do país situa-se em Moscavide e, estando para breve a sua XI exposição, já no próximo dia 9 de Novembro, o EXPRESSO do Oriente foi conhecer melhor esta actividade que, mesmo sendo dispendiosa e necessitando de algum "jeito", tem milhares de adeptos em Portugal.

Foi na sede da ARVM que estivemos à conversa com Francisco Gonçalves, que explicou tudo o que há para saber sobre o radioamadorismo. A conversa começou então por uma breve visita guiada às instalações, um apartamento por cima da Junta de Freguesia de Moscavide. Na área destinada à difusão de voz e imagem, ficámos a saber que a ARVM, como muitos outros emissores, transmitem uma emissão amadora de televisão. São filmes gravados pela direcção da colectividade que servem sobretudo para "transmitir informações acerca das actividades da nossa associação e de alguns dos nossos parceiros institucionais, nomeadamente a Protecção Civil", explica. Em termos técnicos, Francisco Gonçalves conta que "temos um repetidor colocado em Santa Eulália, Vialonga. O sinal é emitido até lá, de onde é repetido para mais longe. Esse mesmo repetidor capta o sinal de outros radioamadores e envia-o para aqui. Ao contrário do que muita gente pensa, Moscavide até nem é uma zona muito baixa, mas mesmo assim é complicado emitir sinal para muito longe a partir daqui". Em termos geográficos, a emissão de televisão amadora destes moscavideses viaja muitos quilómetros. "Temos colegas que têm assinalado a presença da nossa emissão em Vendas Novas, Alentejo. Se o clima estiver propício para a propagação, esta pode chegar a Évora, como já aconteceu. Para norte é mais complicado. Até à

zona da Arruda dos vinhos tudo bem, mas depois as montanhas começam a impedir o sinal". Contudo, este especialista refere que "isto só acontece na emissão de vídeo, porque é emitido em micro onda. A onda curta é diferente, as montanhas não são um obstáculo". Em comparação com as televisões profissionais, "a diferença para essas emissões, como a da RTP, da SIC e da TVI é, enquanto nós trabalhamos com repetidores de 25 watts, eles operam com aparelhos de 500 mil".

Quem são os radioamadores?

Em termos quantitativos, em Portugal existem cerca de oito ou nove mil radioamadores licenciados pela ANACOM. "Mas depois há muitos amadores de rádio que não são radioamadores. Gostam de mexer no equipamento, de fazer engenhocas, mas não têm um gosto pela comunicação". Relatando o seu próprio caso, Francisco Gonçalves lembra que "comecei por fazer experiências. O primeiro emissor VHF que construí, como não tinha onde fazer a montagem, roubei um tabuleiro de ir ao forno à minha mãe e ficou a base do meu emissor. Mas como o pintei, a minha mãe não descobriu. Só passados uns anos".

Todavia, uma das ideias mais sublinhadas por este dirigente associativo, foi a diferença entre o radioamadorismo de há trinta anos e o actual. "Hoje, com a modernização dos equipamentos, quase nenhum radioamador se atreve a mexer no seu interior. Quando o rádio se avaria, manda-se fora e compra-se outro". Analisando o que mudou, afirma que "há trinta anos o radioamador era simplesmente uma pessoa que, a partir de uma lata de sardinhas e umas engenhocas, tentava construir algo que lhe permitisse falar com o vizinho do lado. Depois com a vila seguin-

te, até conseguir comunicar com o país do lado. O âmbito do radioamadorismo quando eu comecei, era no final de umas horas perdidas a soldar peças e levar com uns esticões, ouvir alguém do outro lado a dizer que me ouvia perfeitamente". Deixando transparecer alguma nostalgia, sustenta que "hoje em dia ninguém constrói nada. Actualmente, as únicas invenções que fazemos manualmente vão sendo as antenas. De resto compra-se tudo feito". Actualmente, o espírito é diferente. "É o da comunicação e da inovação. Falar com pessoas diferentes e andar sempre atrás das novas formas de comunicar, desde o morse até à televisão digital".

Em termos qualitativos, podemos pegar nas afirmações do nosso parceiro de conversa que afirma que "para ser radioamador é preciso ter aquilo que chamamos o *bichinho* da rádio" de forma a percebermos quem é que escolhe este passatempo e não outro qualquer. Evitando quaisquer mal-entendidos, sublinha que "isto não é uma brincadeira como um jogo de computador. Brincamos à rádio, sim senhor, mas é algo muito sério. As pessoas têm que perceber que quando pegamos no microfone e dizemos alguma coisa em onda curta, temos um mundo inteiro a escutar-nos. É a imagem de um país que está em jogo".

O que é preciso para ter este passatempo?

"Há pessoas que pensam que para ser radioamador é preciso ser um grande *crânio* e perceber muito de rádios. É mentira. Isto é tudo muito fácil. De facto, a nível mundial, os radioamadores têm os mais variados níveis de formação e cumprem as mais diversas profissões. Assim como a faixa etária. Entre radioamadores famosos, pode-

mos enumerar o rei de Espanha, o Kadafi, ou o Eduard Kennedy".

Na opinião de Francisco Gonçalves, "o radioamadorismo é um *hobbie* como outro qualquer, como a caça ou a pesca. Está ao alcance de qualquer pessoa. Apesar de o equipamento de rádio não ser propriamente barato. Porém, existe equipamento para todas as bolsas. A partir de 150 euros já podemos ter um aparelho decente. Com 700 euros conseguimos ter um rádio que nos permite falar para o mundo inteiro. Nada por aí além se compararmos com uma boa espingarda ou um taco de golfe", lembra.

A Banda do Cidadão é um episódio menos feliz no radioamadorismo em Portugal, recordado com tristeza por este dirigente, pois tratava-se de "uma conceito muito engraçado, mas que foi estragado pelos seus utentes".

Continuando a explicar a sua ideia, explana que "a ANACOM - a entidade reguladora do sector - precisava do dinheiro, capital esse que vinha sobretudo do pagamento de licenças, portanto viu na Banda do Cidadão uma boa fonte de rendimento, porque atraía as massas". Mas algum tempo depois deixou de emitir essas licenças. "Primeiro por causa do palavrado que era usado nessa banda, pois qualquer pessoa podia falar ali, bastava ter dinheiro para comprar um rádio. Embora houvesse um regulamento para a Banda do Cidadão, ninguém a respeitava e a ANACOM não tinha maneira de controlar". Todavia, esta não foi a única razão para que, a partir do ano 2000 esta entidade reguladora das comunicações tenha parado de emitir licenças para uso da Banda do Cidadão. "Era uma banda que usava uma frequência que interferia com as emissões televisivas". Com esta cessação, "alguns dos utilizadores dessa banda in-

teressaram-se pelo radioamadorismo, mas chegaram aqui com o mesmo palavrado. O que se passou é que depressa perceberam que não era a mesma coisa. Alguns moldaram-se outros desistiram", revive.

A Associação e a feira

A ARVM, Associação de Radioamadores da Vila de Moscavide, vai de novo realizar a Exposição Feira da Rádio no próximo dia 9 Novembro de 2008, na sua XI edição. A exposição terá lugar no IPJ - Instituto Português da Juventude na Vila, entre as 10 e as 17 horas.

"A nossa feira é considerada a melhor a nível ibérico. Este evento serve basicamente para mostrar equipamentos: de um lado temos o material novo, nos stands das marcas que ali apresentam os seus novos produtos e, por outro lado, os particulares que expõem equipamentos usados", explica o dirigente desta associação, que não perde a oportunidade para nos garantir que "tem sido um sucesso, com a passagem pelo IPJ de milhares de interessados ou meros curiosos".

A ARVM é uma associação com cerca de 260 sócios, que pagam uma quota de 12 euros anuais. "Temos sócios no norte do país, na Madeira e no estrangeiro". Em contrapartida, "oferecemos aos sócios algo que vai muito para além desse valor. Desde informação que enviamos por correio, actividades que fazemos, designadamente dois passeios anuais".

Sem esquecer quem os apoia, Francisco Gonçalves lembra que "também temos alguns luxos porque nos foi permitido por terceiros. O espaço da sede foi nos cedido pela Câmara de Loures, assim como os autocarros que usamos nos nossos passeios".

A associação de radioamadores mais antiga de Portugal e inclusivamente do mundo é a REP, rede dos emissores portugueses. "Porém, nós já somos a segunda maior do país" evoca com orgulho.

Institucionalmente, o apoio e a parceria com a protecção civil é um reconhecimento da importância estratégica da ARVM. "É uma entidade que nos ofereceu um equipamento de comunicação móvel, que é só colocar no carro e vamos falar para qualquer lado. Em troca, integramos um plano de emergência que, perante uma catástrofe em que todas as outras formas de comunicação se-

jam afectadas, sejamos nós a ligar esta cidade ao resto do país e do mundo".

Na primeira pessoa

O presidente da Associação de Radioamadores da Vila de Moscavide, Francisco Gonçalves, relata como começou este seu "bichinho" que conta já com mais de 30 anos.

"Um dia fui a casa de uma pessoa amiga e ele tinha lá uma coisa que eu não sabia o que era. Facto é que eu pus os auscultadores nos ouvidos e ouvia a emissora nacional nitidamente. Dei-lhe a volta a cabeça até ele me ensinar a construir uma coisa daqueles. Tinha eu uns 12 ou 13 anos. Ele lá me explicou e eu consegui fazer uma coisa parecida. O segredo era ter um fio bastante grande, que era a antena, e uma boa ligação à terra ou a um cano da água, como foi o caso. Lá consegui levar o fio desde o meu quarto até ao cano na casa-de-banho sem a minha mãe o ver.

Mais tarde, tinha em casa um rádio de ouvir música, o chamado *musiqueiro* e comecei a mexer naquilo. Carreguei num botão que dizia *onda curta* e, passado algum tempo, ouvi pessoas a falarem, mas malta que vivia longe, pelo que percebia. Comecei a perguntar a toda a gente o que seria aquilo, até que me explicaram que havia uns sujeitos chamados radioamadores que falavam a grandes distâncias. Um dia, estava eu a ouvir essas vozes, e eis que um deles dá a morada para os outros lhe escreverem. Aproveitei e mandei uma carta ao homem a dizer que o ouvia. Ele respondeu e deu-me uma morada no Chiado onde outras pessoas me podiam explicar tudo sobre o radioamadorismo. E assim tudo começou. Entretanto fiz os 17 anos e pude fazer o exame que permite ter a licença para ser radioamador".

Com muita nostalgia recorda que a licença "era basicamente aprender tudo o que não podíamos fazer. Não podíamos falar de política, nem fazer qualquer tipo de propaganda. Bastava dizermos a marca do nosso equipamento para ser considerado publicidade. Hoje ainda tudo isso é proibido, mas há mais liberdade desde o 25 de Abril. A conversa do radioamador hoje é muito diferente, fruto duma maior liberdade". Ainda no que diz respeito às licenças que hoje são atribuídas pela ANACOM, Francisco Gonçalves compara-as "com uma carta de condução: tem várias categorias. Em vez de serem veículos, são bandas nas quais podemos falar".